

a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



GRÊMIO CSVP: PRESENTE!



COMIDA E ESPERANÇA PARA QUEM MAIS PRECISA

Foi um sucesso a campanha **Prato Solidário**, lançada pela APM e o CSVP no último mês de junho. Convidando a comunidade vicentina a colocar comida no prato de quem mais precisa, a campanha arrecadou, só nos primeiros quinze dias, mais de 500 itens entre alimentos não perecíveis e produtos de higiene. No final do projeto, em 7 de julho, foram contabilizados 2.790 itens arrecadados e doados.

Quatro instituições foram beneficiadas com as doações: Toca de Assis, Asilo Socorrinho, Creche Cristo Redentor e Centro de Refugiados. Além disso, 20 cestas básicas foram distribuídas a famílias em situação de insegurança alimentar decorrente da pandemia. Tanto as instituições como as famílias destinatárias foram indicadas pela Assistência Social do Colégio São Vicente de Paulo, que muito colaborou com a campanha com generosidade e entusiasmo.

Os alunos também foram convidados a participar do **Prato Solidário** com desenhos e mensagens de carinho, apoio e esperança aos mais fragilizados pela crise. E tiveram ainda grande atuação na contagem e arrumação dos alimentos depois de higienizados por responsáveis voluntários, num gesto de doação diária incrível.

Mais uma vez o colégio se confirmou como um território fértil para abrigar uma campanha coletiva de vivência e prática do "amor-serviço afetivo e efetivo aos mais pobres", como ensinou nosso patrono, São Vicente de Paulo.



a chama

Revista editada pela
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XLVIII Nº 107
Agosto/ 2021

Supervisão Editorial
Alline Figueira de Paula e Simone Coelho Moreira Sampaio

Reportagem
Rodrigo Prestes e Rosa Lima

Edição de Textos
Rosa Lima

Revisão de conteúdo
Norma Hoffmann

Projeto Gráfico e Produção Editorial
Christina Barcellos

Capa
Alunos integrantes da diretoria do Grêmio Tropicália, recém-eleito, exibem a faixa a ser colocada na fachada do CSVP. Na 4ª capa, fotos de outras faixas que já estiveram na fachada.

Fotos
Alline Figueira de Paula, Christina Barcellos, arquivo CSVP, arquivos de Joel Macedo, Marcelo Camurça, Sergio Drago, Andrea Caira, Irina Brusky, Gabriel Estill, Antonio Gois e Luis Gauí, capturas de tela

Jornalista Responsável
Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM
Diretor Eclesiástico
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Diretora Representante dos Professores
Daniela de Carvalho Cordeiro

Diretora Presidente
Alline Figueira de Paula

Diretora Vice-Presidente
Ana Roberta Pires Gonçalves

Diretor Secretário
Marcio Simões Vellozo Gouveia

Diretora Tesoureira
Maria Araújo Parreiras

Diretor Social
Carlos Pesce Thiré

Conselho Fiscal
Bárbara Nascimento Ferreira
Patrícia Zendron
Simone Coelho Moreira Sampaio

Secretário da APM
Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho - Rio de Janeiro
RJ - CEP 22241-125
Tel. (21) 3235-2900
revistachama@csvp.g12.br

2 CAPA
TROPICÁLIA, A NOVA DIRETORIA DO GRÊMIO DO SÃO VICENTE

4 LINHA DO TEMPO: OS FATOS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DO GRÊMIO

6 LUTAS E CONQUISTAS GREMISTAS DOS ANOS 60 AOS DIAS DE HOJE

14 O QUE SE APRENDE COM A VIVÊNCIA NOS GRÊMIOS

16 TRANSFORMADOR SOCIAL
ANTÔNIO GOIS MILITA PELO JORNALISMO DE EDUCAÇÃO

18 ARTIGO
ATIVISMO ESTUDANTIL E CIDADANIA, POR JOÃO FERES JÚNIOR

20 FALA, PROFESSOR
LUIS GAUÍ E A IMPORTÂNCIA DO GRÊMIO NO CURRÍCULO ESCOLAR

22 NOTAS

OLÁ, COMUNIDADE VICENTINA!

Nós, da nova Diretoria da APM, estamos chegando com o novo Grêmio e a nova diretoria da Associação de Professores do Colégio São Vicente de Paulo. Isto nos faz confirmar o espírito democrático de representatividade que permeia nossa escola.

Afinal, como contribuir na formação de estudantes social e ambientalmente conscientes, questionadores, que pratiquem o respeito às diversidades, com potencial de transformação social, se não vivenciarem, exercitarem a democracia durante o processo educacional?

Esta edição traz a cobertura das eleições e posse da diretoria do Grêmio "Tropicália" e depoimentos de ex-gremistas do CSVP e de outras instituições de ensino. Espero que possam desfrutar da mesma sensação que experimentei lendo os relatos de responsáveis, ex-alunos e professores...a esperança, o despertar da cidadania, a prática social da democracia.

O movimento estudantil nasce da necessidade, da busca de mudanças políticas, ambientais, econômicas, sociais, mas floresce belo onde há uma educação libertadora. O artigo de João Feres, pai de ex-aluno do colégio, é um exercício de pensar o ativismo estudantil como processo indissociável da prática política da cidadania. E nosso Transformador Social da edição é Antônio Gois, que igualmente contribui para defesa da democracia levando a educação para o debate jornalístico.

Esses sentimentos se refletem também no tocante documentário 2020 – O ano que não começou, dos coros juvenis do São Vicente. Ainda, no espírito de solidariedade que o momento exige, tivemos a participação ativa da comunidade vicentina no projeto de arrecadação de alimentos e itens de higiene "Prato Solidário" e a doação pela APM de máscaras para alunos da EJA pelo "Projeto Máscaras Solidárias".

A leitura desta edição de A Chama nos deixa a certeza que a participação social, para além de um direito, é uma conquista!

Alline Figueira de Paula
Presidente da APM



O GRÊMIO VIVE NO CSVP

Inaugurando a eleição virtual do Grêmio Graúna, Chapa Tropicália promete fazer história e resgatar a tradição do ativismo estudantil do São Viça

Elas são a primeira diretoria digital do Grêmio Graúna, o Grêmio do CSVP. Através de conversas por WhatsApp, reuniões por Zoom e mobilizações pelo Instagram, a chapa Tropicália conseguiu reunir treze alunos – do 9º EF ao 3º EM – para recolocar de pé o Grêmio do Ensino Médio. Prometendo resgatar a tradição do ativismo estudantil do Colégio São Vicente de Paulo, eles se organizaram e se elegeram pela internet. Transformaram o que era restrição em potência. E querem fazer história.

“Não há como fazer política, hoje, fora do virtual. As novas gerações têm vivência on-line cada vez maior e por isso achamos super importante fazermos gestão virtual dos projetos, além de ter na chapa o cargo de gestor de mídias digitais para acessar esse público”, defendeu a integrante da Tropicália Maria Alice Castro, aluna da turma 3C.

Designada como gestora de mídias do grupo, Letícia Londres, da 2B, concorda: “para a nossa geração, o Instagram é sinônimo de rede social. Para o nosso grêmio não vai ser

diferente. Queremos aprender a usá-lo cada vez melhor”.

Na mesma linha, Olívia Caldi, da 2D, vai além: “Ao mesmo tempo que a virtualidade nos limita, ela também nos permite conversar com várias pessoas, de colégios, cidades e até países diferentes. Esse grêmio vai ter que se reinventar completamente. E vai acabar deixando um grande legado para as próximas gerações”. Tomem nota!

Desmobilização

Desde que a Covid-19 chegou ao Brasil e impôs o fechamento da escola, a representação dos estudantes sofreu um grande baque. Com o colégio voltado para a estruturação do ensino remoto, não foi possível organizar eleições para os diversos grêmios no ano passado e eles acabaram se desmobilizando. O único que seguiu atuando, de maneira bem precária, foi o Grem, o Grêmio do Ensino Médio.

Eleito em 2019, pela chapa Pluriforme, o aluno Vinícius Lama ainda tentou manter minimamente acesa a chama gremista em 2020, representando os alunos em algumas reuniões do Conselho Pedagógico. Mas com a impossibilidade de se levar adiante os projetos, tais como o sarau, a semana cultural e a semana política, como aconteciam, presencialmente, a participação do alunato ficou muito prejudicada.

Temendo que a situação fosse se repetir e enterrar de vez o projeto gremista vicentino, alguns alunos começaram a reagir. “Não podemos sair do São Vicente deixando como marca da nossa geração um retrocesso tão grande.



Manuella Fuss. 2c



Leticia Londres. 2b



Beatriz Soares. 103



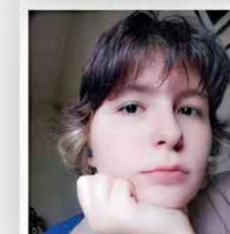
Francisco de Abreu. 1b



Luca Vieira. 1b



Maria Alice C. 3c



Asia Ribeiro. 102



Inna Sofia S. 1b



Sebastião Barcellos. 2c



Arthur Furtado. 1b



Julia Costa. 103



Olívia Caldi. 2d



Paulo Neto. 3d

Precisamos reverter isso”, pensou o aluno do 3º ano Paulo Magalhães Neto.

Com o apoio da Comunitária e do SOE e a indicação de professores, Paulo foi arregimentando colegas que nem conhecia mas que estavam imbuídos da mesma certeza da necessidade de revitalização do Grêmio. Assim surgiu a chapa Tropicália, formada por 2 representantes do 3º ano EM, 5 do 2º ano, 3 do 1º e outros 3 do 9º ano, eleita como representante de todos os alunos do São Vicente até a próxima eleição.

“Eu sempre quis fazer parte do Grêmio e, com a pandemia, achei que não teria essa oportunidade. Fiquei super feliz de ter sido convidada a participar desta chapa. Estamos todos muito animados e comprometidos com os projetos”, disse Manuella Fuss, aluna da turma 2C, no bate-papo virtual realizado em 7 de julho para apresentar a Tropicália ao conjunto dos alunos.

Resistência

“Pensamos nesse nome a partir do movimento do tropicalismo, que era artístico, político e resistiu muito durante a ditadura militar de 64. Estamos passando por tempos difíceis na nossa escola e consideramos que os alunos devem se engajar em movimentos de resistência assim como foi o tropicalismo. Também gostamos muito do movimento por ser artístico, o que tem tudo a ver com o São Vicente, com todas as suas artes, uniões e pessoas!”, disse Nina Sofia Salomon, da turma 2B, no perfil criado no Instagram para apresentar e divulgar as propostas

da chapa. Que incluem, dentre outras, sarau, torneio de poesia, rodas de conversa, dia científico, semana político-cultural e olimpíadas da conscientização, tudo realizado remotamente, claro.

“Dá muito orgulho na gente ver a disposição desse grupo de trabalhar pelo coletivo. São todos pessoas muito legais e estão chegando com ideias muito bacanas”, disse a orientadora educacional do 9º ano, Maria Clara Borges.

Entre os dias 22 de junho e 9 de julho de 2021, houve inscrição e escolha por sorteio do Tribunal Eleitoral, inscrição e validação das chapas (que acabou sendo chapa única), campanha eleitoral, votação, apuração e a divulgação do resultado das eleições. Ao final do processo, a chapa Tropicália foi eleita por maioria simples (metade mais um dos votos). De um total de 169 alunos votantes do 9º ano e Ensino Médio, a Tropicália teve 157 votos a seu favor (93%) e 12 (7%) contra. A posse da nova diretoria ocorreu na volta do recesso, em 5 de agosto, com parte da chapa presente no auditório do colégio.

Para o Grêmio Tropicália, política é a arte do diálogo. “Mesmo quem votou não, sintam-se à vontade para fazer críticas e trazer sugestões para o Grêmio. Queremos ouvir todo mundo. Por um São Viça de TODES (sic), pela volta de um Movimento Estudantil forte e por uma Educação Libertadora!”, concluiu Paulo Neto.

Na página ao lado, a posse do Grêmio no auditório, em 5 de agosto. Na mesa, junto com os representantes do SOE e das coordenações pedagógica e comunitária, Pe. Agnaldo dá boas-vindas à nova diretoria do Grem, representado por apenas quatro membros, por causa da Covid. Acima, os 13 integrantes da chapa Tropicália.

LINHA DO TEMPO



1962
Eleição do primeiro grêmio



1968
Presidente do grêmio passa a participar do conselho pedagógico do SV

1972
1º festival de música jovem

1975
Semana da Arte do São Vicente, culminando com a Manhã da Criatividade no pátio

Reflorestamento do morro do S. Vicente pelas turmas do ginásio, seguindo o colegial no ano anterior. Foram plantadas 600 mudas de 22 espécies nativas. O Jornal do Brasil publicou matéria e foto do evento.



1980
Renúncia da diretoria do grêmio A Voz. Queda na participação dos alunos desde 79.

Nova chapa Contraste não obteve número mínimo de votos

1982
Gesv fica o 1º semestre sem diretoria.

Debate político organizado pelos grêmios, professores e APM com a participação dos candidatos a governador do Estado do Rio Leonel Brizola, Arthur da Távola e Lysâneas Maciel



1992
Em agosto, alunos do São Vicente saem em passeata à frente do movimento dos "Caras Pintadas", jovens que tomaram as ruas do país para exigir a renúncia do então presidente Fernando Collor de Mello.



1997
V Semana cultural com show do Forrosacana, palestra de Nelson Pereira dos Santos após exibição de *Vidas Secas*, gincana, campeonato de futebol e festa Balança mas não cai, no Morro da Urca

2002
Lançamento do jornal O Elefante, com a colaboração de pais, professores e aberta a todos os alunos para qualquer tipo de publicação. Uma urna foi colocada no pátio para depósito do material



2010
Auditório lotado na Semana Política organizada pelo Greco. Em 28 de setembro, debate com candidatos ao Senado - Marcelo Cerqueira (PPS), Milton Temer (PSOL) e Cesar Maia (DEM). No dia 30, debate com Alexandre Molón (PT na época) e Chico Alencar (PSOL), candidatos a deputado federal.



2015
Em novembro, 26 alunos do CSVP, com o auxílio do Grêmio, viajam a Brasília para participar do 41º Congresso da União Brasileira de Estudantes Secundaristas

2018
Criação do Greja, grêmio da EJA

1960 1970 1980 1990 2000 2010 2020

1963
Lançamento do jornal ARA - 1º jornal oficial do grêmio

Campeonato Intercolegial com disputa de vários esportes, também no pátio do colégio (na foto, basquete SV x Andrews)

1970
Primeira menina presidente do grêmio - Emily Pirmez. A entrada das meninas no colégio aconteceu em 1968

1974
A convite do Grêmio, Gonzaguinha, um dos músicos mais perseguidos da ditadura, canta no auditório do colégio, onde também foi encenada a peça Calabar, de Chico Buarque e Ruy Guerra, proibida no ano anterior pelo regime.

O Cineclube, criado pelo grêmio, exibe o filme *Tati*, dirigido pelo ex-aluno Bruno Barreto

1º Sarau, realizado no dia 12 setembro, com direção do prof. Jorge Luiz

1978
Jornal Consciência Ecológica



1981
A falta de participação gera crise e leva à autodissolução da diretoria do Grêmio Colegial. Novas eleições, mudança no estatuto: diretoria passa de 4 a 8 integrantes

1983
No dia 22 de dezembro, o colégio demite um coordenador e dez professores. Em protesto à decisão, os estudantes acampam no pátio, numa vigília que duraria três semanas. No início do ano seguinte, um grupo de 293 alunos cancela suas matrículas no SV.



1993
Liderado por alunos do EM e do EF II, no dia 19 de maio é criado o Comitê Graúna, em homenagem ao cartunista Henfil, irmão do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, líder da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e Pela Vida. Poucos meses depois, o Fundamental II cria o Grauninha, comitê para ações de solidariedade aos mais necessitados

1º sábado - sarau e pintura do muro

Palestra de Ciro Gomes no auditório sobre República Parlamentar e, dois dias depois, de João Orleans e Bragança, sobre Monarquia



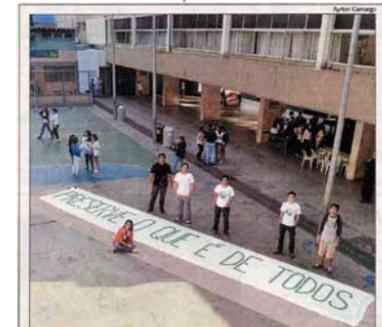
2000
Greco organiza o debate com candidatos a prefeito e vereador: Alfredo Sirkis, Benetida da Silva e César Maia



2008
Greco arrecada na festa junina 1 tonelada de alimentos

Chapa O Berro, do Grêmio do Ensino Médio, recria o jornal *O Elefante*

2011
Para protestar contra a proposta de código Florestal em discussão no Congresso, o Grêmio, com autorização da direção, organiza a pintura e pendura na fachada da escola a faixa "Preserve o que é de todos". A imprensa registrou.



O SÃO VICENTE de Paulo, tradicional colégio do Cosme Velho, berço do movimento dos cartunistas que ajudou a derubar Fernando Collor em 1992, lembra, confirma sua história de engajamento — agora, com a recorrente causa ambiental. Ventilando o grêmio da escola plantaram a faixa que aparece na foto para protestar contra a proposta de Código Florestal em discussão no Congresso. O reatame amarelo na fachada de São Vicente, devidamente autorizado pelo diretor, padre Lázaro. Eis aqui



MUITA HISTÓRIA PRA CONTAR

O Grêmio do São Vicente de Paulo é quase tão antigo quanto o próprio Colégio. E assim como este, mudou muito ao longo do tempo. Também como a escola, passou por crises, viveu momentos históricos e teve feitos memoráveis. Marcou a vida de todos os que passaram por ele.

Da primeira diretoria eleita, quando o São Vicente tinha apenas meninos nos cursos Pré-Primário, Primário, Admissão e Ginásial – hoje correspondentes ao Ensino Fundamental I e II, até o recém-concluído processo eleitoral totalmente digital, o Grêmio coleciona histórias e conquistas incorporadas à dinâmica do colégio e às trajetórias de seus integrantes.

Em 1962, quando foi criado o GESV – Grêmio Estudantil São Vicente, o Brasil ainda vivia ares democráticos e o Rio era embalado pela Bossa Nova. Nada mais natural do que uma escola que pretendia seguir a tradição do lendário Colégio do Caraça, onde se formaram dois presidentes do Brasil, desse também lições de civismo.

Idealizado pela própria Direção, com Pe. Joaquim Horta à frente, e tendo o Pe. Migdon Coelho como seu principal mentor, O GESV tinha bandeira e hino, cujo estribilho dizia “Avante, avante, companheiros/ Em nossa marcha para a glória/ Sob o estandarte azul-dourado/ Que é nosso lema de vitória”. Os alunos exerciam seu direito de escolha, elegendo seus representantes pelo voto livre, secreto e direto com cédulas idênticas às adotadas na época pelo TRE, usando ainda cabines de lona e urnas do próprio tribunal.

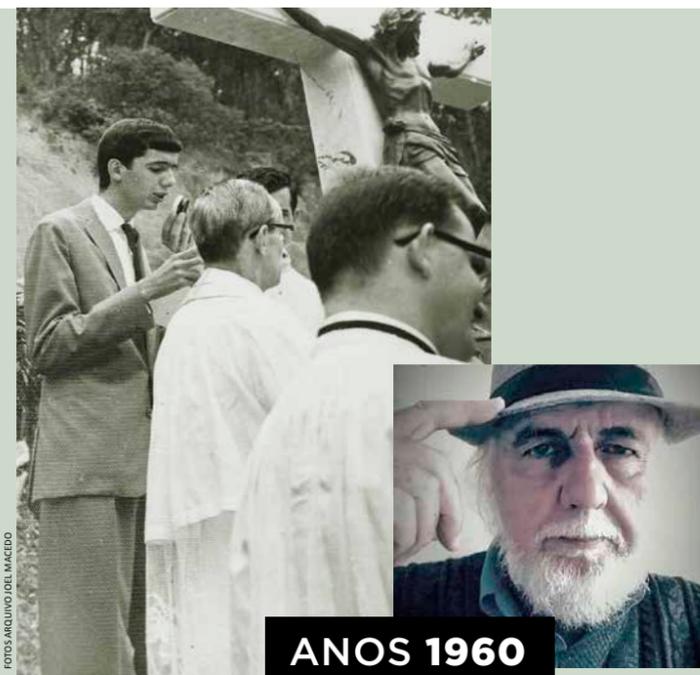
Como hoje, o Grêmio fazia a mediação entre as demandas dos estudantes e o colégio, promovia atividades socioculturais e organizava campeonatos esportivos diversos. A vida política além dos muros escolares passava ao largo da agremiação.

Nova agenda

Em 1965, um ano depois de suspensos os direitos civis pelo golpe militar, a democracia seguia intocada no São Vicente com a eleição de uma nova diretoria do

Grêmio Estudantil. Mas os ventos de chumbo que sopraram nos últimos anos da década de 60 e as mudanças no Projeto Político-Pedagógico do colégio, a partir dos Documentos dos Bispos Latino-Americanos, reunidos em 1968 em Medellín, na Colômbia, impuseram uma nova agenda ao Grêmio e à própria escola, agora mais comprometida com a opção preferencial pelos pobres e a transformação social.

O São Vicente adota, então, a educação libertadora como filosofia, abre as portas para as meninas, acolhe em seus quadros professores que sofreram pressões políticas do regime e estimula, cada vez



“Eu fui da primeira turma que ingressou em 1959 no Admissão do colégio, onde fiz todo o curso ginásial. Nós fundamos o GESV – Grêmio Estudantil do São Vicente em 1962, com o incentivo do Pe. Mignon, que era professor de português e nosso grande parceiro. Nesse início, a ênfase do grêmio foi no esporte e na cultura. Incentivamos muito as competições esportivas, de basquete, vôlei e futebol de salão, em nível de intercolégio. Pe. Mignon era muito ligado a esportes também e até jogava basquete conosco. Da parte cultural, na minha gestão, a ênfase maior foi no teatro. Nós tínhamos um grupo, que encenou O Auto da Compadecida no auditório do colégio, com a participação de duas alunas do Colégio Sion convidadas por nós, porque na época o São Vicente era só de meninos. Atividade política, no entanto, praticamente não existia naquela época. O CSVP reunia os filhos da nata da elite econômico-financeira do Rio de Janeiro. Eu ficava até meio deslocado porque meu pai era um corretor de imóveis, até bem-sucedido, mas não éramos ricos. Mas meus colegas eram. E todos fechávamos com a direita. Me lembro que quando houve a crise dos mísseis de Cuba, em 1962, rezávamos antes das aulas pelos Estados Unidos, contra o inimigo russo e cubano. Minha conscientização política só veio depois de 1964, já fora do colégio. Mas essa vivência do grêmio foi muito importante para nós, o aprendizado da liderança na adolescência, da cidadania – nós fazíamos a ponte entre o colégio e os alunos em assuntos diversos, muitos deles sensíveis, em que éramos chamados a nos colocar ainda muito jovens, com 13, 14, 15 anos. Sou muito orgulhoso do que conseguimos plantar e que deu frutos tão bonitos. Tanto que na época dos caras-pintadas, eu até mandei uma mensagem ao diretor, Pe. Almeida, congratulando o colégio pelo apoio ao movimento dos alunos. Hoje vejo o quanto esses cinco anos foram decisivos para a formação da minha pessoa. O SV realmente “me deu régua e compasso” pra eu traçar minha trajetória sempre fiel a quem sou”.

Joel Macedo, 74 anos, escritor com quatro livros publicados, jornalista e tradutor aposentado, foi o primeiro presidente do Grêmio do Colégio, em 1962



Na página ao lado, o título de eleitor, a cabine de votação e a urna, em 1963. Embaixo, um plebiscito em 1964. No depoimento, Joel Macedo no dia da posse como presidente do Grêmio, em 1962, e hoje. Acima, a eleição do Grêmio de 1965, com Pe. Marçal como mesário. Torneio de futebol em 1968 e, no mesmo ano, os padres na *Passeata dos 100 mil*, entre eles Pe. Almeida, 2º no topo da foto, da esquerda para direita.

“Entrei no São Vicente em 1974 para cursar o então Segundo Grau e fui presidente do Tribunal Eleitoral em 75 e 76. A gente estava em plena ditadura militar, mas o colégio fazia esse ensaio de democracia em que havia os três poderes no Grêmio: o Executivo, com a diretoria eleita; o Legislativo, com os representantes de turma, e o Judiciário, que organizava e fiscalizava o processo eleitoral e presidia as assembleias do Grêmio. Dentre as memórias marcantes que eu tenho desse período, estão as eleições em que concorreram três chapas: uma mais progressista, outra mais de centro e uma terceira tida como mais “alienada”, como se dizia na época, com o nome de Natural. Essa eleição foi disputadíssima, as três chapas tiveram praticamente a mesma votação, duas inclusive empataram em primeiro lugar, o que nos levou a fazer novas eleições, cujo processo eu presidi. No final, ganhou essa chapa menos politizada. Um tempo depois, tentou-se um impeachment dessa diretoria sob a alegação de que ela não estava fazendo nada. As outras duas chapas pediram uma assembleia, nós fizemos, mas eu nem coloquei o impeachment em votação porque não houve quórum. O pessoal da oposição, a maioria meus amigos, ficou meio bronzado comigo, mas eu, como presidente do tribunal, fiquei firme e fiz o que mandava o estatuto. E, assim, a Natural cumpriu seu mandato até o fim, “não fazendo nada”. Mas a democracia foi preservada”.

Marcelo Camurça, 62 anos, antropólogo, professor titular aposentado pela UFJF e pesquisador do CNPq, formou-se no CSVP em 1976



FOTOS ARQUIVO MARCELO CAMURÇA

ANOS 1970



FOTO ARQUIVO SÉRGIO DRAGO

Ao lado, Marcelo Camurça nos anos 1970, com o Prof. Jorge Luís, e nos dias de hoje. Acima, o Prof. Sérgio Drago com alunos, em 1976, em cerimônia de entrega de prêmios de um evento promovido pelo Grêmio.

“Cheguei ao Colégio São Vicente de Paulo em 01/03/1971, ainda bem menino e pude ter um início profissional gratificante, pois que convivia com renomados e brilhantes professores(as) e aquele timaço era apoiado pela incrível figura do diretor Pe. José Pires de Almeida. Para mim, um mundo novo e gigante se abria, mas num momento doído para o país. Era o início de uma década muito difícil, sob o controle da Ditadura Militar. Ali no SVP aprendi a aprofundar o conceito de cidadania, algo extremamente relacionado à democracia. Não só os(as) professores(as), coordenadores(as) e diretor eram a minha referência. Os maravilhosos jovens estudantes me ensinaram muito. Em poucos anos, usufruindo daquela atmosfera que me inspirava e respirando aquele ar de aprendizado constante, além de professor, estava atuando no apoio às atividades do Grêmio Estudantil do Ginásio (hoje, Ensino Fundamental II). Guardo belas recordações das efervescentes e profícuas relações com os(as) estudantes. O cineclube que apresentava semanalmente no auditório um filme escolhido pelos alunos e alunas em votação, e com debates em seguida à exibição; os cursos e concursos de poesia, música e fotografia; os torneios esportivos; os debates em época de eleição para o Grêmio; as palestras e debates sobre o momento que vivíamos e que oxigenavam a necessidade de resistir ao autoritarismo. Quantos vicentinos e quantas vicentinas formaram ali a sua consciência crítica e aprenderam nas discussões a responsabilidade política e social?! Os anos 70 foram duros. Tínhamos o SVP como uma bolha. Achávamos que só naquele espaço se respirava democracia. Tínhamos muito orgulho da certeza de estarmos do lado certo da História. O tempo passa mas ficam na alma e na parte nobre do coração as boas lembranças, a certeza de que quem passou pelo SVP teve a imensa oportunidade de se tornar um ser humano melhor. Como o São Viça tem História! E que História!”

Sérgio Drago, professor de matemática e hoje também diretor do Ceat, trabalhou no CSVP de 1971 a 2010.

mais, seus alunos a serem “sujeitos de seu próprio desenvolvimento, num clima de liberdade aliada à responsabilidade, de espontaneidade e participação”, conforme depoimento do ex-diretor Pe. Lauro Palú, À Chama, em 1984.

O Grêmio ganha mais autonomia – financeira, administrativa e organizativa, e insere-se no organograma escolar como órgão interdependente. Com Pe. José Pires de Almeida na Direção, Jorge Luiz Sousa e Silva, na Coordenação do Ensino Médio e um amplo corpo de professores tão qualificados quanto progressistas, o Grêmio do São Vicente vive um período áureo nos anos 70.

É uma fase de grande efervescência de movimentos culturais e artísticos, com saraus, shows, festivais de música, cursos de teatro, coral, cineclube, rádio-novela, exposições, concursos de fotografia, Semanas de Arte, palestras, debates, jornais, murais e muitas outras atividades que fizeram a fama do São Vicente como colégio de vanguarda e celeiro de artistas e intelectuais.

“Em plena era Geisel, vivíamos em clima de absoluta liberdade. O jornal que eu fazia, *O Comunicado*, nunca sofreu censura. Éramos uma ilha cercada de fechamento por todo lado. Com ensino e estrutura excelentes, nossas lutas sempre foram na esfera da conscientização social e do meio ambiente. O processo que vivemos de reflorestamento do morro atrás do colégio, em 74, foi muito emblemático disso”, lembra o antropólogo Marcelo Camurça, hoje com 62 anos.

Crise de representação

Em 1976, o Grêmio chegou a ter metade dos alunos do CSVP ativamente engajados em alguns dos seus vários departamentos.



O pátio do colégio, no final dos anos 1970, e o teatro-relâmpago. Débora Bloch e Fernanda Torres, numa rádio-novela, e Bernardo Sabino, representando o então presidente Figueiredo.

FOTOS ARQUIVO CSVP



ANOS 1980

Assembleia de alunos e professores no pátio do colégio, durante a vigília de 1983. Andrea Caira estava lá - é a menina de perfil, na segunda fileira, à direita.

FOTOS: ARQUIVOS CSVP E ANDREA CAIRA

“Cursei o Fundamental no CEAT. Naquela época, lá não havia Ensino Médio e existia uma espécie de convênio com o CSVP – saíamos do CEAT e ingressávamos, quase que automaticamente, na nova escola. Foi assim que, em 1983, passei a estudar no São Vicente. Nunca participei como membro efetivo de um Grêmio, mas fui representante de turma várias vezes. O CSVP tinha um corpo docente especialíssimo! Professores supercompetentes em suas disciplinas e muito engajados na luta política. Nomes conhecidos como Adair Rocha, Chico Alencar e Rubim Aquino, entre outros tantos, não tão conhecidos, mas também muito especiais. Sentíamos-nos na escola perfeita! No final daquele ano letivo, ficamos sabendo que 11 professores, todos do Ensino Médio, haviam sido demitidos. Nosso mundo caiu! Não era possível que aqueles mestres tão geniais, sem nenhuma justificativa, não fossem estar mais conosco. Reuniões de grêmio e de representantes foram convocadas pelos alunos com urgência. Queríamos a readmissão imediata. A Direção da escola mostrava-se irredutível. Assim, os alunos decidiram só sair do colégio quando os professores fossem readmitidos. Montamos acampamento – dia e noite em vigília. Alguns pais e professores aderiram ao movimento. Até

Ceia de Natal foi feita no hall de entrada da escola. Organizávamos passeatas pelo bairro e o movimento começou a aparecer em notas e colunas importantes da grande imprensa. Enquanto isso, a escola endurecia cada vez mais, tentando acabar com o movimento. Até a luz foi cortada. Diante do impasse, já que era impossível termos os professores de volta, decidimos sair todos com eles! Foi em uma assembleia, na quadra do CSVP, à noite e com luz de velas, que começamos a tornar real a possibilidade de fazermos um Segundo Grau (hoje Ensino Médio), com todos juntos em uma escola que nos acolhesse. No início de 1984, uma parte significativa dos alunos do São Vicente estava matriculada no recém-inaugurado Segundo Grau do CEAT. Trinta e oito anos se passaram, mas as lições aprendidas me acompanham até hoje. Por algum motivo que desconhecemos, o CSVP, que nos ensinou os caminhos da participação política estudantil, não pôde estar conosco naquele momento. Paradoxalmente, foi a educação crítica tão preconizada pelo São Vicente que nos encorajou a, diante de uma injustiça, reivindicar, lutar, acreditar, poder romper e ter forças para traçar um novo caminho. Seremos sujeitos de nossa história”.

Andrea Caira Toledo Silva, professora e pedagoga, ex-aluna do CSVP e mãe de Laura Toledo, aluna do 3º C, EM, no colégio desde o 2º ano do EF.

Os primeiros anos da década de 80, no entanto, viam essa euforia participativa arrefecer e uma crise de representação se instalar. A ponto de a Diretoria do Grêmio Colegial se autodissolver em 81, alegando como motivo principal a falta de participação dos colegas nas atividades do Grêmio.

Novas eleições foram convocadas e a única chapa concorrente, a Contraste, não conseguiu obter nem os 51% dos votos necessários para a posse, sendo amplamente derrotada pelos votos nulos. Ficou no ar a pergunta: ainda há lugar para o GESV? A resposta dos alunos foi “SIM”. O Grêmio se reergueu e no final de 83 esteve na liderança do movimento que ficou conhecido como “a vigília”, quando cerca de 400 pessoas, entre alunos, ex-alunos, pais e professores acamparam no pátio do colégio em protesto à demissão de 11 professores.

No início dos anos 90, o Grêmio voltou a fazer história quando o São Vicente de Paulo puxou o movimento estudantil nas manifestações de rua contra o governo de Fernando Collor, ele mesmo ex-aluno do colégio. “A gente viu que não adianta ficar parado, porque senão nada acontece de bom”, disse a então presidente do Grêmio, Irina Bruscky, à *Revista de Domingo do Jornal do Brasil*. Toda a imprensa – revistas, jornais, rádio e TV – destacou a participação dos alunos do SV, qualificado como “uma escola comprometida com a preparação do aluno para a vida em sociedade”.

De lá para cá, o Grêmio se diversificou e ganhou representantes em todos os segmentos de ensino: os alunos do Fundamental I são representados pelo Minigrêmio, os do Fundamental II pelo Gref, e os do 9º ano e do Ensino Médio, pelo Grem. Em 2014, os estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos) também passaram a ter seus



ANOS 1990

Acima, a caminhada dos alunos pedindo o impeachment de Collor (os caras-pintadas). Abaixo, a arrecadação de alimentos pelo Comitê Graúna, em 1998. E Irina Bruscky hoje.

FOTOS: ARQUIVOS CSVP E IRINA BRUSCKY

“Quando nos elegemos para o Grêmio, procuramos realizar uma agenda marcada por eventos culturais (criação de uma rádio durante o recreio, reativação do jornal e do festival de cinema...). Tínhamos muito entusiasmo! Lembro também que equipamos o tradicional sarau com uma qualidade de som bem boa, os shows eram concorridos, assim como os eventos de pintura do muro... Mas a situação política dessa época se impôs na nossa agenda. Como vicentinos nos sentíamos no dever de nos engajar, discutir e entender a situação, em primeiro lugar. Foi quando, nas reuniões da UNE, começamos a estruturar um movimento estudantil, que sairia nas ruas para protestar contra a corrupção e pedindo o impeachment do Collor. Sempre com humor e uma certa exaltação alegre de estar exercendo um dever cívico, de existir como jovem cidadão em uma sociedade tão marcada pela brutalidade de uma ditadura que acabara, deixando, porém, sua estrutura de poder. O Grêmio é fundamental nos valores do CSVP: liberdade com responsabilidade. Tomamos consciência de que somos donos de nossa existência individual e coletiva. O aprendizado foi fundamental pra mim, deixando lembranças cheias de alegria e afeto também. Fica a vivência de trocas e debates fervorosos, às vezes intermináveis (hehehe!), mas sempre marcados por tolerância e respeito. Soubemos nos unir, vicentinos-estudantes-brasileiros, e expressar uma ambição cívica comum: um país melhor. Precisamos mais que nunca reaver esse espírito coletivo e o amor da argumentação, para sair de um impasse político no qual se encontra o Brasil”.

Irina Bruscky, 45 anos, arquiteta, estudou no São Vicente de 1986 a 93. Foi representante de turma e, em 92, presidente do Grêmio.

“A Chapa Estopim, que se elegeu para o Grêmio em 2010, era bem diversificada, o que acredito ser uma característica importante, pois atendíamos a uma ampla gama de desejos das/os alunas/os. Lembro-me que propúnhamos debates políticos para além do âmbito escolar, convidando personalidades políticas como Marcelo Freixo, à época candidato à Deputado Estadual pelo PSOL. Como o Grêmio era dividido em pastas, me recorro mais das atividades que organizei mais diretamente, da pasta de cultura, junto ao Paulo Damásio. Realizamos a Semana Cultural com o tema da Tropicália, propondo atividades artísticas no pátio com a Cacau, professora de artes, como a criação de parangolés e cartazes lembrando os anos 60 e 70 no Brasil. Organizamos também instalações no subsolo que lembravam os penetráveis de Oiticica, além da exibição de alguns filmes como O Bandido da Luz Vermelha, de Sganzerla, no auditório, junto a debates e interlocuções com ex-alunos, professores e convidados, como o poeta marginal Chacal, que compareceu à semana. Fizemos também um quiz sobre o período da Tropicália e outras atividades com o intuito de envolver os alunos nessa viagem pelo tempo. Participar dos grêmios foi uma experiência muito importante para aprender a lidar com a diferença, os interesses distintos, o debate, a escuta, e, finalmente, a conciliação de opiniões. Acho que aprendi muito mais a ouvir do que a agir, apesar do grêmio também ser uma importante ferramenta de “empoderamento” dos alunos frente à sociedade”.

Ceci Penido, 27 anos, mestranda em Sociologia e Antropologia na UFRJ, ex-aluna do CSVP, fez parte do Grêmio na 7ª. Série (hoje 8º ano), em 2008, e no 1º e 2º ano do EM, em 2010 e 2011



ANOS 2000



ANOS 2010

próprios representantes no Greja. Juntos, eles compõem o Grêmio Graúna, o novo nome do Grêmio do Colégio São Vicente.

“O grêmio estudantil é algo que tem tudo a ver com o DNA, com a cultura do São Vicente. Não sei como funciona em outras escolas, mas, na minha época, o grau de autonomia do Grêmio no CSVP me surpreendeu. Havia muita disposição do colégio para nos ouvir e recursos para que pudéssemos colocar em prática nossas ideias. E justamente por isso, acho que o Grêmio conseguiu se manter como um ator importante na história do colégio, dando voz e representatividade às pautas dos alunos”, disse o doutorando em economia Pedro Vogt, da diretoria da agremiação em 2005.

Nos anos 2000, o Grêmio mais uma vez protagonizou episódios importantes em defesa da democracia e campanhas em prol dos excluídos. Sempre à frente de projetos ousados e inovadores, muitos dos quais incorporados ao calendário da escola, como a Semana Cultural, a Semana Política, a Pintura do Muro e o Sarau, o Grêmio do São Vicente segue ativo contribuindo para a formação cidadã dos alunos e para a transformação da sociedade.

No ano passado, a pandemia de Covid-19 levou à desmobilização e à paralisação das atividades do Grêmio. Mas neste 2021, qual Fênix, ele ressurgiu, em meio digital, cheio de ânimo e novas propostas, deixando claro que onde há vicentinos, sempre haverá Grêmio.



Acima, Ceci Penino e seu parangolé, durante a Semana Cultural em homenagem à Tropicália; embaixo, a pintura do muro de 2009, os alunos desenhando nas paredes brancas e a pintura dos espaços depois. Na página ao lado, Gabriel Estill, na mesa com Marcelo Freixo e Carlos Osório, na Semana Política de 2016. Apresentação de música no Sarau da Ditadura, em 2014, e a faixa pintada pelo Grêmio durante o governo Temer.



“Fui do Grêmio Sambacaru, resultado da união das chapas Sabiá e Mandacaru, que teve o mandato estendido de 2015 ao final de 2016. Nosso lema era: “Todo mundo é do Grêmio”. Isso deu super certo e fizemos muita coisa. No final de 2015, organizamos uma viagem a Brasília para participar do Congresso Nacional da União Brasileira de Estudantes Secundaristas. Foram cerca de 30 alunos do 9º ano ao 3º do Ensino Médio, acompanhados de inspetores e professores. Foi uma experiência importante e inédita para o Grêmio. A partir de 2016 vieram muito fortes também as ocupações dos secundaristas em São Paulo, em protesto às reformas impostas pelo governo do Geraldo Alkmin. Nós nos mobilizamos muito em solidariedade a essas ocupações, promovendo debates, fazendo cartazes... E a escalada política de 2016, que culminou no golpe que derrubou Dilma Rousseff, foi intensa para nós também. Conseguimos o apoio das coordenações e da direção da escola e penduramos a faixa “Onde houver educação, haverá democracia” na fachada do São Vicente. Era um momento crítico porque o colégio recebeu muitas reclamações de pais, com medo de estarmos colocando em risco a integridade dos alunos. Foi uma grande vitória nossa. E conseguimos com isso resgatar a participação política mais ampla do colégio, que fez história em tantos momentos importantes do país. Isso foi muito forte como aprendizado e eu trago comigo até hoje essa certeza da importância de fazer valer a voz dos afetados pelas decisões”.

Gabriel Estill, 21 anos, estudante de Relações Internacionais na PUC-Rio, ex-aluno do CSVP, participou do Tribunal Eleitoral no EF 1, foi representante de turma no EF 2 e da diretoria do Grêmio no EM

UMA EXPERIÊNCIA QUE SE LEVA POR TODA A VIDA

“**N**o Colégio São Vicente de Paulo, os Grêmios Estudantis contribuem de forma extraordinária para a concretização dos ideais de Pessoa, Educação, Escola e Sociedade apresentados no Projeto Político-Pedagógico. Ajudar a formar Agentes de Transformação Social inteiros, integrados e íntegros, sujeitos da própria história, amantes da verdade, justos, democráticos e solidários, comprometidos com a construção de uma sociedade alicerçada nestes mesmos valores exige não apenas discurso, mas muita experiência adquirida na prática cotidiana e em momentos especiais”, diz Pe. Agnaldo de Paula, diretor do CSVP.

Segundo ele, entre as diversas formas de organização e variedade de projetos e atividades existentes no colégio, os Grêmios encantam e ocupam um lugar de destaque pela maneira como ocorre todo o processo eleitoral, desde a escolha dos representantes de turma, passando pela constituição do tribunal eleitoral, a formação das chapas, a campanha eleitoral e os debates, culminando com a eleição, a solenidade de posse e a atuação nas mais diversificadas áreas: cultural, acadêmica, política, social, esportiva etc.

E conclui: “O processo é altamente formativo em todas as etapas. Contribui para o crescimento das crianças, adolescentes e jovens nas dimensões humana, social, política e acadêmica; estimula o desenvolvimento de muitas habilidades e competências como a

“NO CSVP, OS GRÊMIOS ENCANTAM E OCUPAM UM LUGAR DE DESTAQUE PELA MANEIRA COMO OCORRE TODO O PROCESSO ELEITORAL”

PE. AGNALDO DE PAULA

liderança, o diálogo, a criatividade e a iniciativa e beneficia com projetos e atividades, não apenas os membros da Comunidade Educativa do Colégio, mas inúmeras pessoas em situação de exclusão ou vulnerabilidade”.

Para os pais que passaram pelo Grêmio em sua juventude, a experiência também foi muito significativa e trouxe aprendizados que eles levam por toda a vida. A *Chama* fez uma enquete com os responsáveis pelos alunos do São Vicente para saber se eles participaram de agremiações em sua época de estudantes, e colheu

depoimentos bem interessantes, alguns dos quais compartilhamos com os leitores.

Anna Luzia Cabral de Vasconcellos, mãe de quatro alunos ou ex-alunos do CSVP, entrou no colégio em 1974. “Fiz parte de um grupo de alunos, que participou ativa e intensamente, no São Vicente, da resistência e luta contra a Ditadura Militar”, conta. Anna tomou parte dos saraus, do jornal do Grêmio, do cineclubes, sempre imbuída desse espírito de combate em prol da democracia. E revela: “A nossa rebeldia tinha um caráter de luta permanente e isso foi definitivo na minha formação. Essa experiência marcou minha vida para sempre, porque me fez ver que é fundamental lutar contra todas as formas de injustiças, de desigualdades e discriminações”.

Também da geração 70, Fernanda Sánchez, mãe das alunas Lorena e Sofia Sánchez, participou do Grêmio no Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba, lutando pelo fim da ditadura. “Fazíamos ativismo cultural também, como teatro, cineclubes e música. O Grêmio me ajudou a perceber a importância da atuação política como estudante, e as ações colaborativas nos faziam mais felizes!”, afirma. Segundo Fernanda, a experiência foi marcante em sua formação: “Tornei-me uma estudante universitária consciente e participativa. Já na faculdade, ajudei a criar um grupo de teatro na arquitetura e participei do Grêmio do meu curso, o GAU (Grêmio da Arquitetura e Urbanismo). Lá também colaborei com ações para a redemocratização da sociedade e da universidade.”

Empatia e cidadania

Mãe de Felipe Barbosa, do 5º ano, Mônica de Azevedo Araújo, que estudou no CSVP nos anos 80 e na PUC, nos 90, disse que sempre achou importante a participação estudantil

em todos os níveis. “Foi uma experiência ótima e aprendi muito. Melhorou minha capacidade de comunicação, negociação e empatia”, declarou. Para João Pedro Quental Ferreira, pai de Anna Helena Quental, a experiência foi “fundamental na noção de consciência política e cidadania”. Também do São Vicente na década de 1980, ele foi representante de turma na antiga 7ª. Série, presidente do Grêmio Ginásial (hoje Gref) e, mesmo sem cargos no Grêmio durante o Ensino Médio, participou ativamente de várias comissões e atividades.

Aluno nos anos 90, André Alvarenga, pai de Laura, do 6º ano, teve atuação intensa nos seus tempos de São Vicente. Foi presidente do então Gregi na antiga 8ª série, participou do Comitê Graúna e, no Ensino Médio, foi delegado em dois congressos da AMES - Associação Municipal de Estudantes Secundaristas. Sem falar na participação em passeatas “Fora Collor”, pelo aumento de salário dos professores, pela redução das mensalidades e contra a privatização da Vale do Rio Doce.

“Essa experiência marcou o meu engajamento e sentimento de responsabilidade com os acontecimentos da política nacional, mas também de comprometimento ético com pequenas ações cidadãs. Hoje, acho que fui massa de manobra de grandes esquemas partidários e adquiri um senso crítico quanto ao sentido último daquelas passeatas. Mas ainda assim, não me arrependo e acho que vivemos e erramos para aprender. Só não devemos e não podemos ter compromisso com o erro”, disse André.

Ricardo Montes de Moraes, pai de Alice, do 5º ano, foi aluno do Colégio Franco Brasileiro nos anos 90 e também participou das passeatas pelo impeachment de Fernando Collor e de reuniões da Ames para sua preparação. Segundo ele, “foi bom participar de uma coisa tão grande e ver que era possível, que funcionava, que os outros estudantes queriam e, tendo a chance, participavam”.

Mas as experiências dos pais e mães com o movimento estudantil não se restringiram só ao Brasil. Fernando Rabossi, por exemplo, pai dos alunos Felipe e Antonia Rabossi Fernandez, foi gremista no Colegio Nacional Nicolás Avellaneda, em Buenos Aires, nos anos 80. Entrou no colégio com 12 anos, em 1983, último ano da ditadura militar na Argentina, e participou ativamente da luta pela redemocratização do país.

“Em 1984, decidimos formar um “centro de estudantes” – assim se chamava o centro acadêmico”, conta Fernando. Em 87, elegeu-se presidente. E afirma: “O centro de estudantes foi o espaço de formação social e política mais importante que tive. Pude aprender a conviver com os colegas de outros anos e com os professores e zeladores, a definir pautas coletivas, dialogar, argumentar, colaborar, lidar com diferenças e conflitos, obter triunfos resultados de nossa ação. Foi um espaço de amizades, de coisa séria e de muita diversão”.



Na página ao lado, Pe. Agnaldo e o Prof. Hércio Alvim, em reunião com o Minigrêmio, em 2014.

NA LUTA EM PROL DA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Ex-aluno que participou ativamente do Grêmio no CSVP, Antônio Gois encontrou na militância pelo jornalismo de educação seu meio de transformar a sociedade

Que a educação é um ato de amor, e que sem ela não há mudança possível na sociedade, já aprendemos com Paulo Freire. Mas esse tema de importância central para o Brasil ainda recebe uma cobertura da mídia muito inferior a outros, como política, economia e esportes. Encabeçando desde 1996 a luta por uma maior e melhor cobertura jornalística da área está Antônio Gois, 46 anos, colunista do jornal *O Globo*.

Filho do também jornalista e colunista Ancelmo Gois, o vicentino, que estudou no colégio entre 1990 e 1993, graduou-se em Jornalismo pela UFRJ em 1998. Mas já em 1996, como estagiário do jornal *O Dia*, começou a cobrir a área de educação e se apaixonou por ela.

“Entre na faculdade de jornalismo sonhando em fazer jornalismo político ou econômico. Mas meu primeiro emprego foi para trabalhar com educação. Me encantei com o tema, e o fato de serem poucos os jornalistas que trabalhavam com ele na época em que eu começava, em vez de me desestimular, serviu como motivação para investir nessa área tão importante, mas sem a atenção devida. Essa militância pelo jornalismo de educação foi o que me moveu para criar, junto com outros colegas, a Jeduca (Associação Brasileira de Jornalistas de Educação), da qual fui fundador e primeiro presidente”, conta.

Defesa da democracia

Criada em 2016, a Jeduca apoia de diversas formas a qualificação da cobertura jornalística brasileira de educação, criando materiais de auxílio a jornalistas do setor e promovendo e apoiando seminários, cursos e palestras que visam o aprimoramento técnico dos profissionais e dos estudantes de jornalismo. Também concede bolsas de estudo, financia projetos e atua diretamente na defesa da liberdade de expressão, da democracia, da transparência de dados de interesse público e do livre desempenho da atividade jornalística.

“Digo sempre que educação é, sem dúvida, um tema de grande interesse público. Poucos discordam disso.

O problema é que a sociedade, especialmente os governantes, mesmo valorizando no discurso, não a valoriza na prática. O papel do jornalismo de educação é, entre outros desafios, fazer um tema que é de inegável interesse público também interessante para o público, para que a pauta entre cada vez mais, de forma qualificada, nas conversas cotidianas e nas agendas de políticas públicas”, disse.

Antônio Gois, que busca na cobertura da educação uma forma de transformar a sociedade, trabalhou durante 12 anos na *Folha de São Paulo*, além de ter sido por anos comentarista da *Canal Futura*, da *TV Escola* e da *rádio CBN*. É autor dos livros *Quatro Décadas de Gestão Educacional no Brasil* (2018), com depoimentos de 14 ex-ministros da Educação entre os governos Figueiredo e Rousseff, e *Líderes na Escola: o que fazem bons diretores e diretoras, e como os melhores sistemas educacionais do mundo os selecionam, formam e apoiam* (2020). Foi também vencedor dos prêmios *Esso*, *Embratel*, *Folha*, *Undime* e *Andifes*, sempre com reportagens sobre educação.

Segundo ele, a visão crítica de mundo, a tolerância, e o estímulo ao protagonismo desde jovem foram as principais influências que levou consigo do Colégio São Vicente para a vida, bem como a vontade de agir para a transformação social. O hoje jornalista, que participava do grêmio do colégio na época dos caras-pintadas – os estudantes secundaristas que foram para as ruas lutar pelo impeachment do então presidente Fernando Collor –, relembra a experiência, que tanto contribuiu para sua formação:

“Em tempos em que lidamos com tanta polarização e ódio, minha experiência no grêmio me deu o que julgo ser a maior marca da formação do São Vicente em mim: a capacidade de escuta ativa e de mobilização coletiva de diferentes atores que, mesmo tendo suas divergências, são capazes de encontrar pontos em comum para a ação.”

No alto, Antônio Gois na manifestação *Fora Collor*, em 1992. Abaixo, em três momentos recentes: gravação em campo para o Canal Futura, entrevista na TV para a BBC e participação no Congresso Internacional de Jornalismo de Educação - Jeduca, em 2018.



FOTOS ARQUIVO ANTONIO GOIS



“O PAPEL DO JORNALISMO DE EDUCAÇÃO É, ENTRE OUTROS DESAFIOS, FAZER UM TEMA QUE É DE INEGÁVEL INTERESSE PÚBLICO TAMBÉM INTERESSANTE PARA O PÚBLICO.”

ANTÔNIO GOIS



EDUCAÇÃO, ATIVISMO E CIDADANIA DEMOCRÁTICA

“**E**m sua definição famosa do ser humano, o filósofo Aristóteles afirma que ele é um animal político. Com isso queria dizer duas coisas principais: que de fato partilhamos com outras espécies de seres vivos a condição animal, e que para atingirmos o máximo de nosso desenvolvimento precisamos viver em sociedade, daí o adjetivo político – aquele que vive na polis (cidade em grego). A maioria dos comentaristas do filósofo se concentraram na segunda parte da definição, a política, mas a primeira, aquela que assevera nossa condição animal, é também importante.

É a condição animal que limita a temporalidade de nossa vida. Portanto, ela é causa do fenômeno das gerações. Ao longo de nossas vidas crescemos, nos desenvolvemos, adquirindo conhecimentos de todos os tipos, passamos esses conhecimentos para as novas gerações, e finalmente morremos. E assim, as gerações se sucedem, mas não de maneira inteiramente pacífica.

Nosso desenvolvimento cognitivo e moral é lento e se faz por meio das sucessivas experiências que temos com as pessoas e o mundo que nos cerca. Quando somos jovens, e pouco experientes, é natural que adotemos princípios idealistas e posturas radicais ou mesmo intransigentes. Ora, o outro, as forças externas à nossa pessoa, frequentemente se coloca como barreira à satisfação imediata dos nossos projetos e desejos. É por isso que as novas gerações quase sempre almejam a superação das anteriores, se apresentando como revolucionários ou rebeldes.

Nesse processo de enfrentamento do mundo, que é o desenvolvimento cognitivo e moral humano, o conflito aos poucos vai dando lugar ao entendimento. Começamos a compreender que os outros têm visões de mundo que muitas vezes não são iguais às nossas, e que algumas delas talvez sejam inclusive melhores que as nossas. Ao conseguirmos a façanha de mentalmente nos colocarmos no lugar dos outros, reconhecendo seus pontos de vista, transformamos a nós mesmos, crescemos.

A prática da política produz exatamente esse desenvolvimento pessoal. Enganam-se aqueles que tomam de maneira instrumental, como uma maneira de fazermos valer nossos interesses e princípios. É claro que somos seres imbuídos de interesses e princípios, mas, ao nos engajarmos na política, os colocamos à prova, os submetemos a um constante processo de negociação e revisão.

O movimento estudantil é um grande exemplo desse processo. O vigor e a rebeldia da novíssima geração encontram a maior rigidez das gerações anteriores, já enredadas no complexo institucional

e cultural que compõe nossa sociedade. E esse encontro não é somente com os outros das gerações passadas, mas com os outros da sua própria geração, pessoas que, a despeito da semelhança etária, têm projetos díspares para o mundo.

Todo o processo político é feito de encontros e negociações com outros: a entrada no grêmio, a organização de um abaixo-assinado, a audiência com a diretoria da escola, a reunião com a associação de pais e mestres, a comunicação com os pares, etc. Na fase seguinte, a universitária, a atividade política para muitos se torna ainda mais intensa, em centros acadêmicos, DCEs, coletivos, movimentos sociais e partidos políticos.

Infelizmente, nas últimas duas décadas a sociedade brasileira foi submetida a uma lavagem cerebral que levou muitos a aderirem à ideia de que a política é uma atividade suja, corrupta, monopolizada por gente que usurpa o bem público em prol do ganho pessoal. Essa crença não é somente mentirosa como também, se generalizada, conduz à desvalorização total do regime democrático. E ela é mentirosa porque nos induz a aderir à falácia de que o dano pecuniário feito por eventuais práticas de corrupção cancela o benefício gerado pelas decisões coletivas produzidas por instituições democráticas.

Como as sociedades nas quais vivemos são muito grandes e populosas para serem governadas diretamente, como era a Atenas clássica, é necessário que tenhamos representantes eleitos que tomem as decisões no lugar do cidadão comum. Contudo, se a legitimidade da representação política é corroída, ou seja, se as pessoas creem que o voto para nada serve, pois os políticos são todos ladrões, então soluções como o despotismo e a ditadura começam a ser aventadas.

Precisamos reverter esse processo de descrença nas instituições políticas de nosso país, e para fazê-lo nada melhor do que o influxo de novas gerações de políticos, muitos deles formados no movimento estudantil.

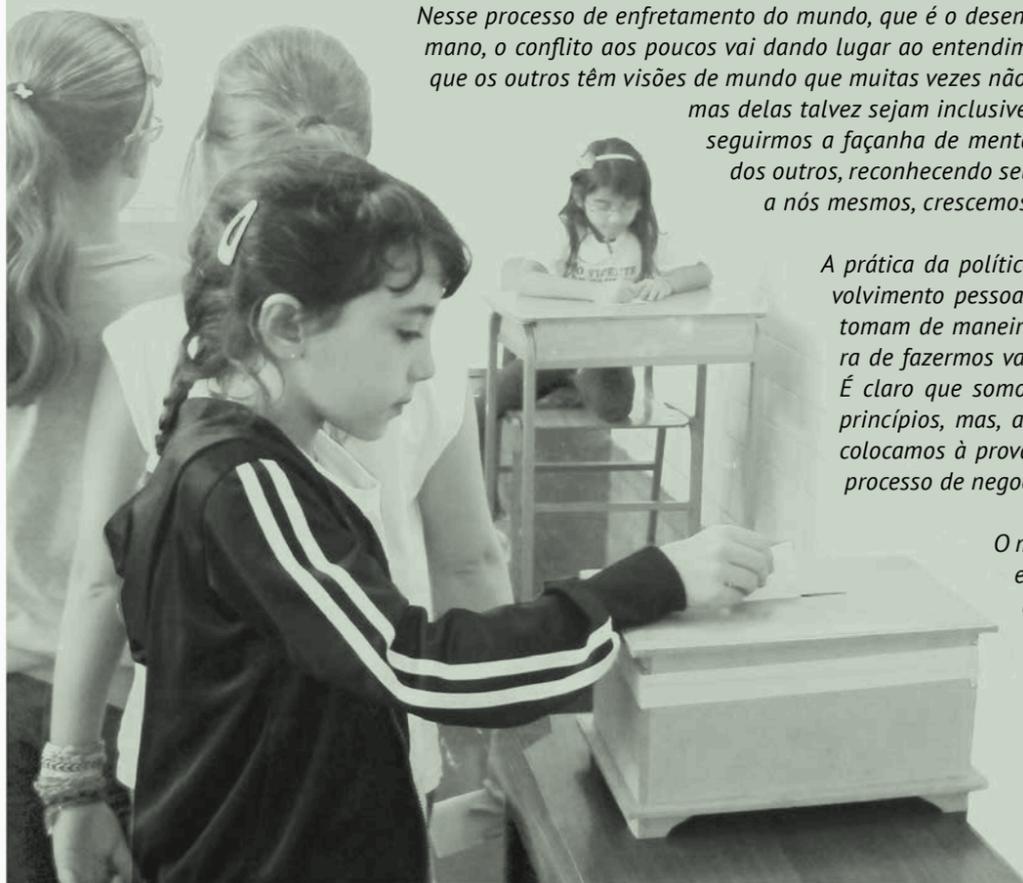
A história confirma, o movimento estudantil tem sido celeiro de representantes políticos. Não é coincidência que a maioria deles é de esquerda, pois é na esquerda que o sentimento de mudança das novas gerações pode se expressar mais livremente na crítica às instituições e práticas sedimentadas.

É por meio da política que conseguimos compreender que os seres humanos, nós e os outros, não são anjos ou demônios, quase nunca heróis ou mártires desinteressados, mas somos capazes sim de construir soluções coletivas por meio da conversa, do entendimento mútuo, do acordo e da negociação. E ao fazermos isso afirmamos nossa humanidade no mais alto grau, ou pelo menos era isso que dizia Aristóteles.

João Feres Júnior*

Pai de ex-aluno do CSVP, professor associado de ciência política do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), da UERJ, coordenador do GEMAA - Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (<http://gema.iesp.uerj.br/>), do LEMEP - Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública -- no âmbito do qual implementa o projeto Manchetômetro, e do Observatório do Legislativo Brasileiro (OLB).

“PRECISAMOS REVERTER ESSE PROCESSO DE DESCRENÇA NAS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS DE NOSSO PAÍS, E PARA FAZÊ-LO NADA MELHOR DO QUE O INFLUXO DE NOVAS GERAÇÕES DE POLÍTICOS, MUITOS DELES FORMADOS NO MOVIMENTO ESTUDANTIL”





TRÊS PERGUNTAS PARA LUIS GAUÍ

No alto, mesa-redonda *A Ditadura Militar Brasileira e a Comissão da Verdade*. Gauí ao microfone, ao lado do jornalista Cid Benjamin, do advogado Wadih Damous e do professor Daniel Aarão Reis. Abaixo, no trabalho apresentado pela EJA "na casa de todos nós", na Feira de Qualidade de Vida. Em seguida, com o Prof. Rafael Szabó (ciências) na Festa Junina da EJA e, ao lado, com Leonardo Boff.

Há doze anos como professor de história do São Vicente, Luis Gauí fez toda a sua formação escolar no colégio, do 1º ano do EF, em 1991, ao 3º do EM, em 2003. Com 36 anos de idade, ele é formado em História pela UFF, tem mestrado em Ciências Sociais pela UFRRJ e atualmente faz Doutorado em Educação na UFRJ. No CSVP, foi professor da EJA de 2009 a 2017, ano em que assumiu a Coordenação Pedagógica do segmento, e atualmente também leciona História Geral para os 2º e 3º anos do EM. Aqui, o professor Luis Gauí fala para os leitores de *A Chama* o que pensa sobre a importância dos grêmios na vida escolar e na formação cidadã dos vicentinos.

1 Como foi sua experiência com o Grêmio no seu período de estudante do SV?

Eu era um aluno muito tímido que pouco se engajou nas atividades escolares, como no grêmio ou mesmo no coral, teatro, dentre outras. Entretanto, quando estava nos anos finais do EF2, me recorro muito claramente de alunos mais velhos entrando em minha sala de aula para clamar por maior participação dos estudantes. Mais tarde, como aluno do Ensino Médio, tenho recordações de um grêmio muito ativo, à frente de muitos eventos e movimentos políticos estudantis.

Quando olho para meu baixo engajamento em minha época de estudante, lamento não ter aproveitado mais tudo o que o São Vicente tinha a me oferecer e admiro muito nossos alunos que não desperdiçam essas oportunidades.

2 Hoje, como professor de história, como avalia a importância do Grêmio para a formação da cidadania?

Como professor de História, percebo como essencial, positiva e necessária toda ação que venha a fortalecer nosso senso de coletividade. Política é a arte de viver em coletividade e, nesse sentido, somos todos seres políticos, responsáveis por contribuir para a construção de uma sociedade que seja diversa, pacífica, justa e democrática.

Fortalecer a representação política estudantil e o movimento estudantil como um todo é parte de um currículo escolar que investe na formação cidadã, formação esta que se fará presente ao longo da vida de nossos estudantes. Engajar-se para o fortalecimento da comunidade escolar aponta para um posterior engajamento na coletividade no bairro, no trabalho e em muitos outros espaços sociais.

“FORTALECER A REPRESENTAÇÃO POLÍTICA ESTUDANTIL É PARTE DE UM CURRÍCULO ESCOLAR QUE INVESTE NA FORMAÇÃO CIDADÃ”

LUIS GAUÍ

3 Como coordenador da EJA, o que acha da criação do Greja, o grêmio do segmento?

Sempre defendi a criação do Greja e, ainda como professor de História da EJA, participei diretamente da criação do seu estatuto e das reuniões com os primeiros grêmios eleitos. Como coordenador, segui apoiando este trabalho, que acabou sendo interrompido com o advento da pandemia. Entendemos que combater a exploração vivida no mundo do trabalho e a lógica autoritária de governantes e de chefes locais tão frequentemente vivida por nossos alunos da EJA é algo que só se faz através da articulação política, o que é exercitado no âmbito da escola via a atuação política estudantil.

FORMANDOS 2021

Escaldada com a turma do 3º ano EM de 2020, que, pega de surpresa com a pandemia de Covid-19, não conseguiu fazer sua tradicional festa de formatura, os formandos de 2021 não perderam tempo e deram asas à imaginação para celebrar com muito bom humor o último ano de convivência escolar. Ao longo do ano, a comissão de formatura CSVP 2k21 vem organizando festas temáticas, às sextas-feiras, no pátio do colégio, seguindo o protocolo de segurança sanitária, como manda o momento, mas sem perder a criatividade e alegria típicas dos adolescentes. Com o lema “chegando pra fazer a primeira formatura vicentina da década INESQUECÍVEL”, eles já organizaram a sextacarnã, a sexta2000’s, a sextaoscar, a sextapijama, a sextahype, a sextajunina e a sextahippie, todas com direito a fantasias, adereços, coreografias, fotos, vídeos e muita diversão devidamente registrados no Instagram. Demais essa galera! Confere lá em comssaosvp2k21.



FOTOS: ANJUNHO CSVP



No alto, os alunos do 3ºEM vestidos a caráter para as festas temáticas sextaprofissões e sextahippie. Acima, João Paulo e Rodrigo Simplicio mostram seus comprovantes de vacinação, enquanto Lauro Basile, à direita, recebe sua dose de vacina anti-Covid. Na página ao lado, de cima para baixo, um slide sobre o uso da água, tema da Agência 1, as apresentações das Agências 2 e 6. E embaixo, cenas do documentário dos corais do SV na pandemia.

VACINA E VOLTA ÀS AULAS

Uma série de medidas adotadas pela Diretoria do colégio possibilitou algumas mudanças no esquema de comparecimento presencial dos alunos na volta às aulas. No primeiro semestre, apenas as turmas de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental podiam frequentar a escola diariamente, com todos os seus alunos presentes ao mesmo tempo. Agora, com o avanço da vacinação entre os educadores do colégio e com a diminuição da distância mínima entre as pessoas em sala de aula, também os estudantes do 3º Fundamental e os do 3º do Ensino Médio já podem assistir aulas presencialmente todos os dias. Com o resultado de uma enquete feita pelo colégio para avaliar quem permanecerá no regime exclusivamente remoto, ficou decidida a volta de mais turmas ao presencial, respeitando-se o limite máximo de 24 alunos em cada uma delas, tendo aulas na escola ao longo de toda a semana. Para aquelas que excedem esse número, como o 4º ano, haverá revezamento, entre aulas presenciais e on-line, proporcional ao número de alunos excedentes em cada turma. Quanto aos professores, aqueles que já completaram seu esquema vacinal vêm voltando, respeitando o período requerido para a imunização, desde o dia 2 de agosto. Os que tomaram apenas a primeira dose da vacina e têm a previsão de tomar a segunda dose em setembro, de acordo com suas necessidades médicas, têm autonomia de permanecer em casa até lá.

PALESTRAS INSPIRADORAS

Na última semana antes das férias, os alunos do 9º ano mergulharam de cabeça no projeto das Agências de Criação. Para inspirá-los a pensar soluções para os problemas previamente identificados, todos ligados à questão ambiental, cada agência recebeu um convidado, na manhã do dia 5 de julho, para falar dos desafios de sua área. Às 7h30, Henrique Drumond, da ONG Insolar, abriu os trabalhos na sala do chat, como inspirador na área de projeto social. Às 10h, cada agência recebeu seu convidado.

A **Agência 1** convidou o coordenador do Plano Nacional de Segurança Hídrica, Sérgio Ayrimoraes, e a ex-aluna e bióloga Renata Bley, da ANA, para tratar da água. O pai de aluno e também biólogo Marcelo Rhingantz falou do projeto “Re-fauna”, para os integrantes da **Agência 2**, que está pesquisando sobre preservação de florestas. A **Agência 3**, dedicada ao mar, contou com uma palestra do oceanógrafo Edmir Celestino. A engenheira ambiental Maria Fernanda Bastos, do projeto “Redinha”, de reaproveitamento de redes de pesca, foi a convidada da **Agência 4**, que investiga o tema do lixo.

Na **Agência 5**, o tema em questão são as energias alternativas. Para falar do assunto, o grupo convidou o engenheiro eletricista Marcio Barrozo, de uma empresa de energia solar. A pesquisadora de saúde ambiental da Fiocruz Bianca da Silva falou sobre saneamento básico na sala da **Agência 6**. Já para a **Agência 7**, a palestra do engenheiro químico do Inea Pedro Valle foi sobre qualidade do ar e saúde. Pai de aluno do CSVP, o oceanógrafo Mario Soares foi o convidado da **Agência 8** para tratar de mudanças climáticas. E, por fim, a **Agência 9** recebeu a mãe de aluno e biomédica Maria Conceição de Souza, da Fiocruz, para falar sobre doenças novas, vírus e pandemias. Os projetos das nove Agências de Criação serão apresentados no fim do ano.



OS CORAIS E A PANDEMIA

Memória, história, afeto. É disso que é feito o vídeo *2020...o ano que não começou*, documentário que mostra como os coros juvenis do Colégio São Vicente de Paulo enfrentaram a pandemia de Covid, desde que ela se instalou no Brasil, em março do ano passado. Com roteiro e direção das regentes Patricia Costa e Taiana Machado, produção dos próprios integrantes dos corais – SVEF (São Vicente Ensino Fundamental), SVEM (São Vicente Ensino Médio) e SVAC (São Vicente a Cappella) e patrocínio da Associação de Pais de Mestres do colégio, o vídeo traz depoimentos de vários envolvidos, revelando os sustos, medos e tristezas com o afastamento físico dos grupos, imposto pela necessidade de se frear o contágio pelo coronavírus, mas também a força, a criatividade e a disposição de encontrar saídas para atravessar a crise, seguir cantando e manter viva a atividade coral. Lançado em 6 de julho, no canal do SVAC, no YouTube, esse registro importante do amor e da garra dos coralistas vicentinos teve mais de 1100 visualizações em seu primeiro mês no ar.





FEIRA DE PROFISSÕES 2021

Realizada on-line na manhã de 6 de julho, a Feira de Profissões 2021 trouxe 13 convidados, todos ex-alunos do colégio, para compartilhar com os estudantes do 2º e 3º anos do Ensino Médio suas experiências profissionais. Eles se dividiram em quatro salas: relações humanas e saúde, das 7h30 às 9h30; e comunicação social e engenharia, das 10h às 12h. O economista Márcio Alvarenga, a advogada Luiza Bozo e Pedro Vicente, assessor de relações internacionais foram mediados pelo professor Rafael Kappa. Na sala de saúde, com mediação do professor Leonardo da Silva, estiveram Bruna Guaraná e Daniela Mucci, psicóloga e nutricionista, respectivamente, além da ginecologista Laura Barcellos. Mediados pela professora Vera Bonfim, falaram o escritor Leonardo Vila-Forte, a jornalista Gabriela Roméro, o cineasta Pedro Thomé e a designer Luna Uaná. Das engenharias vieram Letícia Vila-Forte (produção), André Renato Mendes (eletrônica) e Ana Carolina Junger (computação), com mediação do professor Raphael do Carmo. Realizações, dúvidas, alegrias e desafios de cada carreira foram divididos com alunos para ajudá-los na escolha de suas próprias trajetórias. Obrigada, vicentinos!



No alto, as quatro salas da Feira de Profissões, com os ex-alunos. De cima para baixo, relações humanas, saúde, comunicação social e engenharias. Ao lado, a aluna Luciana da Silva Nogueira, da 7ª fase da EJA, assiste aula com a máscara PFF2.

MÁSCARAS PFF2 PARA A EJA

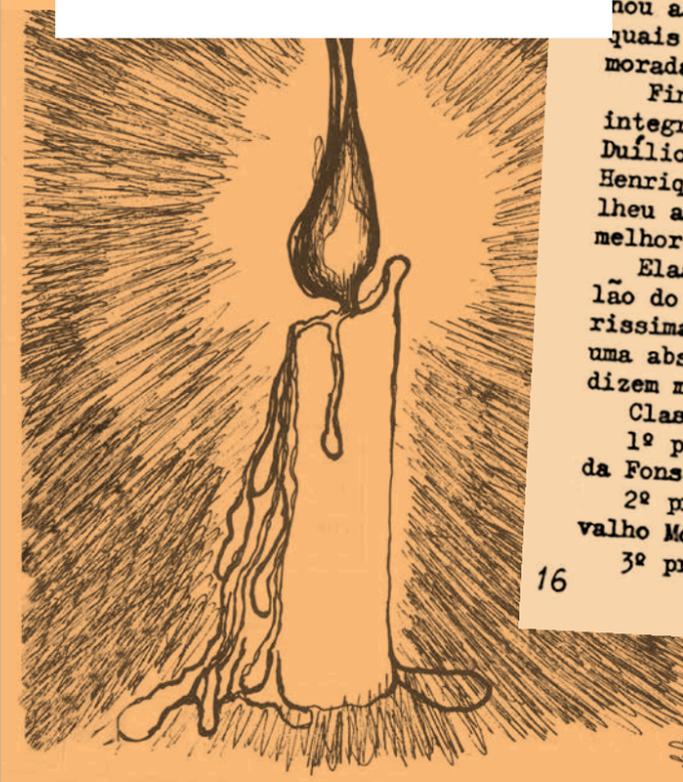
No dia 16 de junho, os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que estão frequentando as aulas presenciais no CSVP, receberam, cada um, um kit com 5 máscaras tipo PFF2 para melhor se protegerem contra a infecção de Covid-19. A iniciativa partiu da equipe de professores da EJA e contou com o apoio da APM, que fez a compra e a distribuição das máscaras aos estudantes. PFF significa peça facial filtrante e é um respirador que filtra gotículas e aerossóis, protegendo quem a usa de contaminar ou ser contaminado pelo coronavírus. No ato da entrega das máscaras aos alunos, que contou com a presença do diretor do São Vicente, Padre Agnaldo, e do coordenador da EJA, Luis Gauí, foi feita uma dinâmica explicando as características da máscara PFF2, a maneira mais correta de usá-la e guardá-la, visando sua maior durabilidade. Foi destacada também a importância do esquema completo de vacinação pela população, para a superação completa da pandemia de Covid. Segundo Daniela Carvalho, representante dos professores na APM, a aceitação das máscaras por parte dos alunos foi muito boa. E a iniciativa da doação será repetida neste segundo semestre.

A CHAMA PUBLICOU HÁ ... 47 ANOS

Lançada em setembro de 1973, A Chama em nada lembra a revista que os leitores recebem hoje. Era datilografada, rodada em mimeógrafo, ilustrada com desenhos de alunos e trazia até pequenos anúncios. Mas, assim como as edições atuais, já cobria os feitos do Grêmio do Colégio São Vicente de Paulo.

Em seu sétimo número, de outubro de 1974, A Chama trouxe uma matéria sobre o 2º Concurso de Fotografia, promovido pelo Grêmio, com o apoio da APM e da Diretoria do CSVP. Com mais de 80 alunos participantes do então 2º Grau (hoje Ensino Médio), o concurso premiou as cinco fotos que melhor retrataram o tema "poluição social".

A ideia, segundo a matéria, era "levar nossos alunos a observar e analisar o que está acontecendo na nossa cidade, (...) vítima de uma ação predatória que se acelera diante da omissão da sociedade". Nisso, infelizmente, pouco mudamos. E o Grêmio, cá como lá, nos convida a refletir sobre o mundo à nossa volta.



CONCURSO DE FOTOGRAFIA

Mais de oitenta alunos do 2º grau participaram da Exposição de Fotografias, promovida pelo Grêmio, com apoio da APM e da Diretoria do Colégio. O tema, sugerido pelo Professor Ivo Barbieri, foi a Poluição Social.

Objetivo: levar nossos alunos a observar e analisar o que está acontecendo na nossa cidade, (e, por extensão em todas as cidades brasileiras) vítima de uma ação predatória que se acelera diante da omissão da sociedade.

Após demorada exibição, uma comissão integrada pelos ex-alunos Pedro Claudio Brando Bocayuva Cunha, Antonio Celso de Souza e Silva e Aluísio Leite Garcia, e mais o próprio Professor Ivo, selecionou as 20 melhores, com as quais organizou-se nova e demorada exposição.

Finalmente outra comissão, integrada pelos Professores Duílio, Ivo, Anésio, Celso Henrique e Jorge Luiz escolheu as 5 "melhores entre as melhores".

Elas estão expostas no salão do 4º andar. São de primeiríssima qualidade, e merecem uma observação atenta, pois dizem muito.

Classificação:
1º premio - Otávio Dutra da Fonseca Rondon (2º A)
2º premio - Fernando Carvalho Moura (1º C)
3º premio - Maria Cristina

de Andrade Correa (2º C)
4º premio - Leticia Bea - triz Carneiro Fernandes (2º A)
5º premio - Clarisse Maria Caldas Rohlfis (2º C).

A Comissão no final do julgamento, lamentou que só pudesse conceder 5 premios: todos os concorrentes mereciam ser premiados, pela mensagem artística e social que cada foto endereçou à comunidade do São Vicente.

Estamos, desde já, recebendo sugestões, quanto a temas e premios para o III Concurso.



PROFESSORES PARTICULARES
De português, matemática, física, francês ou inglês.
Ensina-se português a estrangeiros.
Tratar com d. Lúcia - 245-1271

